

APROXIMAÇÕES ENTRE FANON E COETZEE: VIOLÊNCIA COLONIAL E DESPERSONALIZAÇÃO EM *LIFE AND TIMES OF MICHAEL K* E *WAITING FOR THE BARBARIANS*

APPROACHES BETWEEN FANON AND COETZEE: COLONIAL VIOLENCE AND DEPERSONALIZATION IN *LIFE AND TIMES OF MICHAEL K* AND *WAITING FOR THE BARBARIANS*

Enilce do Carmo Albergaria ROCHA*
João Francisco Justino LOPES**

Resumo: O presente artigo procura demonstrar como a violência colonial gera um processo de despersonalização nos personagens dos romances *Life and Times of Michael K* (1984) e *Waiting for the Barbarians* (1999), de John Maxwell Coetzee, escritor sul-africano vencedor do prêmio Nobel de Literatura. Para tanto, parte-se das reflexões de Frantz Fanon, psiquiatra, ativista e teórico que diagnostica com precisão os efeitos da violência sofrida pelos povos colonizados em suas principais obras: *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008) e *Os Condenados da Terra* (2005). Os romances analisados no artigo retratam a violência colonial presente na África do Sul durante o regime do *apartheid*, justificando, assim, a investigação da escrita ficcional de Coetzee por meio do pensamento anticolonial de Fanon. Pretende-se uma abordagem dos romances que ilustre a violência colonial em suas diferentes configurações: *a violência física/psicológica*, responsável pelo aprisionamento e tortura do corpo colonizado; *a violência material*, relacionada à usurpação da terra do colonizado pelo colonizador; e *a violência cultural/simbólica*, que desumaniza o colonizado, aniquilando sua identidade. Por fim, traz-se uma reflexão sobre as formas de resistência apresentadas nos romances. A libertação do oprimido por meio do conflito violento, ação política prescrita por Fanon, não acontece. Para os personagens de Coetzee, resta apenas a capacidade de resiliência frente à opressão colonial.

Palavras-chave: Violência colonial. Despersonalização. Pós-colonialidade. Fanon. Coetzee.

Abstract: This paper seeks to demonstrate how colonial violence generates a process of depersonalization in the characters of the novels *Life and Times of Michael K* (1984) and *Waiting for the Barbarians* (1999), by John Maxwell Coetzee, a South African writer and winner of the Nobel Prize in Literature. For this purpose, we start from the reflections of Frantz Fanon, psychiatrist, activist, and theorist who accurately diagnoses the effects of violence suffered by colonized peoples in his main works: *Black Skin, White Masks* (2008) and *The Wretched of the Earth* (2005). The novels analyzed in the paper portray the colonial violence present in South Africa during the apartheid regime, justifying, thus, the investigation of Coetzee's fictional writing through Fanon's anti-colonial thought. An approach to the novels that illustrates colonial violence in its different configurations is intended: *physical/psychological violence*, responsible for the imprisonment and torture of the colonized body; *material violence*, related to the usurpation of the colonized land by the colonizer; and *cultural/symbolic violence*, which dehumanizes the colonized, annihilating their identity. Finally, it brings a reflection on the forms of resistance presented in the novels. The liberation of the oppressed through violent conflict, a political action prescribed by Fanon, does not happen. For Coetzee's characters, all that remains is the capacity for resilience in front of colonial oppression.

* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: enilcejf@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9571-7236>.

** Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura – pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: kikojustinolopes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2707-3758>.

Keywords: Colonial violence. Depersonalization. Post-coloniality. Fanon. Coetzee.

Introdução

Em um primeiro momento, parece equivocado realizar qualquer reflexão sobre o pensamento de Fanon sem ao menos mencionarmos aspectos de sua biografia que foram cruciais para sua formação intelectual e militante. Como apontado por Sanches (2015), muitos estudos fanonianos tendem a recusar a separação entre o Fanon francês, médico e teórico que diagnostica a opressão colonial, e o Fanon argelino, revolucionário em prol da independência dos países africanos.

Frantz Fanon nasceu em 1925, na Martinica, antiga colônia francesa localizada no Caribe. Aos 19 anos, luta na Segunda Guerra Mundial, sendo condecorado por bravura em duas ocasiões. Após ganhar uma bolsa de estudos em Lyon, dedica-se ao estudo da psiquiatria e também aos estudos sociais e à filosofia. Em 1952, Fanon publica *Pele Negra Máscaras Brancas*, trabalho que originalmente foi apresentado como sua tese de doutoramento, no entanto, recusado pela banca julgadora. A obra, inicialmente pouco circulada no meio intelectual, será posteriormente uma importante influência nos movimentos negros nas Américas.

Posteriormente, Fanon vai para a Argélia, onde filia-se à Frente Libertadora Nacional, contribuindo como médico na guerra de libertação e trabalhando no hospital que décadas mais tarde levaria o seu nome. Nessa época, presencia os horrores e patologias enfrentadas pela sociedade civil e pelos combatentes presentes no conflito, o que contribuirá profundamente para o seu pensamento anticolonial. Em 1961, após descobrir uma leucemia, vai se tratar nos EUA, onde escreve *Os Condenados da Terra* (2005), obra reconhecida como um dos mais importantes estudos sobre os efeitos nefastos da colonização. Fanon morre em dezembro de 1961, com apenas 36 anos.

Essa breve biografia é necessária, pois a trajetória de vida de Fanon é indissociável de seu pensamento. Seus escritos são carregados de pessoalidade, nos quais a marca do homem negro e colonizado se imprime, como afirma o próprio autor em *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “A objetividade científica me foi proibida, pois o alienado, o neurótico, era meu irmão, era minha irmã, era meu pai” (FANON, 2008, p. 186). De acordo com Chaves e Cabaço (2004, p. 70): “A vida de Fanon é um todo coerente onde se fundem, no amor pelos deserdados

da terra, o exercício da profissão médica, a militância política e o trabalho intelectual cujo fio condutor é o caminho percorrido nos escassos anos que a vida lhe concedeu”.

Apesar de tratar especificamente da questão do negro antilhano e do colonizado argelino em suas obras, o pensamento de Fanon possui uma abrangência que permite sua abordagem em outras situações coloniais. Fanon dedicou-se a escrever sobre os processos que vivenciou; no entanto, defende um projeto que se comprometa a combater qualquer espécie de dominação do homem pelo homem: “Eu, homem de cor, só quero uma coisa: Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro” (FANON, 2008, p. 191-192). Fanon, assim, afirma a necessidade de uma revolução que transforme as estruturas econômico-sociais e que permita o desmantelamento dos regimes coloniais pelo mundo.

O autor debate sobre a violência que age sobre o colonizado, mecanismo que legitima e mantém o sistema colonial em funcionamento. Essa reflexão pode ser desdobrada no contexto da África do Sul do *apartheid*, regime que, como apontado por Fanon, nada mais é do que “uma modalidade da compartimentação do mundo colonial” (FANON, 2005, p. 69). A oficialização do *apartheid* acontece em 1948, mas a violência estrutural que acontece na África do Sul está intimamente ligada à dominação dos brancos ingleses e holandeses desde a época colonial. Desse modo, abordaremos dois romances escritos por J. M. Coetzee durante o *apartheid*: *Life and Times of Michael K* (1984) e *Waiting for the Barbarians* (1999), tendo como norte teórico o pensamento filosófico e político de Frantz Fanon.

Fanon afirma que o mundo colonizado é maniqueísta, dividido em dois, onde “a linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais” (FANON, 2005, p. 54). Estes dois mundos seriam mediados pelo racismo e a violência, práticas intrínsecas ao sistema colonial. É pela violência e assujeitamento dos colonizados que as forças colonialistas são capazes de manter o seu poder. Como afirma Chaves e Cabaço (2004), no mundo colonial há “duas zonas que se negam e se legitimam reciprocamente, separadas e ligadas pela violência e onde uma está sempre sobrando” (CHAVES; CABAÇO, 2004, p. 73).

Em *Life and Times of Michael K*, o protagonista, que dá nome à obra, parece saber muito bem sobre os limites presentes no mundo colonial. Na sua peregrinação pelas ruas, em meio a uma guerra civil, reflete:

A paisagem estava tão vazia que às vezes não era difícil acreditar que era seu o primeiro pé a pisar em uma determinada polegada de terra ou a mexer em uma determinada pedra. Mas a cada dois ou três quilômetros havia uma cerca para lembrá-

lo de que ele era tanto um fugitivo quanto um invasor (COETZEE, 1984, p. 97, tradução nossa)¹.

A obra começa narrando o nascimento de Michael e logo nota-se que o menino tem o lábio leporino. A fenda na boca da criança causa repulsa em sua mãe: “Mas desde o começo, Anna K não gostou da boca que não fechava e da carne viva e rosada que se mostrava a ela. Ela estremeceu ao pensar no que vinha crescendo dentro dela todos esses meses” (COETZEE, 1984, p. 3, tradução nossa)². O traço físico de Michael se transforma em uma metáfora para representar o mundo silencioso em que vive. Na sua jornada de sofrimento e exclusão no contexto do *apartheid*, ele mal responde aos outros personagens, ainda que a descrição de seu pensamento seja presente na narração onisciente de Coetzee em diversas ocasiões.

Michael K passa a infância em um instituto para crianças pobres, aprendendo o ofício de jardinagem. Quando adulto, passa a cuidar de sua mãe, que está enferma. Anna K, a fim de ter uma morte mais tranquila, longe dos conflitos desencadeados pela guerra civil que já atingiam a área urbana onde morava, pede ao filho para que a leve a Príncipe Albert, uma antiga propriedade rural em que trabalhara e crescera quando jovem. Mesmo sem um documento de permissão, Michael parte em direção a Príncipe Albert com sua mãe em um carrinho de mão. Anna K acaba falecendo antes da chegada ao destino final; Michael, assim, continua a peregrinação sozinho, disposto a jogar as cinzas da mãe na propriedade.

Ao chegar à fazenda e perceber que o local se encontra abandonado, Michael resolve viver ali, alimentando-se precariamente das abóboras que planta e de insetos que caça. Quando chega ao local um desertor de guerra e parente dos antigos donos da fazenda, Michael parte mais uma vez. Daí em diante, Michael transitará por diversas instituições: será recrutado por uma companhia ferroviária em que trabalha forçadamente, abrigado em um acampamento de refugiados e internado em um hospital. Após passar por diversos infortúnios, retorna ao ponto de origem, o apartamento de sua mãe na cidade. Michael K passa por um processo de despersonalização no romance, arrastando-se pelos diversos pontos de sua jornada, sendo subjugado pelas forças do Estado. Sem dinheiro, origem e capacidade de se expressar, vaga por ruas, zonas de guerra, propriedades rurais, dormindo mal e se alimentando cada vez menos.

¹ No original: “The landscape was so empty that it was not hard to believe at times that his was the first foot ever to tread a particular inch of earth or disturb a particular pebble. But every mile or two there was a fence to remind him that he was a trespasser as well as a runaway”.

² No original: “But from the first Anna K did not like the mouth that would not close and the living pink flesh it bared to her. She shivered to think of what had been growing in her all these months”.

Apesar de a história do romance ser localizada na África do Sul, a referência ao *apartheid* não é clara. Há uma aparente guerra civil, e a única referência à etnia de Michael acontece quando, em um breve momento, a narrativa apresenta um documento mostrando o nome de Michael junto à sigla C.M, *coloured man*³. A obra traz diversas alusões ao regime do *apartheid*, ainda que o autor não se refira explicitamente a fatos e acontecimentos históricos.

Em Waiting for the Barbarians contamos com fenômeno semelhante: ainda que a narrativa também não apresente menções diretas ao *apartheid*, as referências ao regime são facilmente identificáveis. A história é situada em uma cidade fronteiriça, sem nome, onde as forças do Império se preparam para um conflito iminente com os bárbaros, que até então se limitavam a viver nas montanhas.

A obra conta a história do ponto de vista de um magistrado – também sem nome – a serviço do Império que, já velho e caminhando para a aposentadoria, tem sua paz perturbada por forças militares que se instalam na cidade. O exército imperial acredita que haverá uma ofensiva dos povos que vivem nas montanhas; assim, começa a fazer operações militares, capturando e torturando alguns bárbaros (muitas vezes não ligados a qualquer tipo de conflito) a fim de obter informação. O Magistrado começa a se sentir afetado pela violência cometida contra os bárbaros e decide convidar uma mulher que fora torturada para morar com ele. Deslumbrado pela história que emana do corpo fragilizado e torturado da moça bárbara, o Magistrado nutre pela companheira uma espécie de desejo e compaixão. Em determinado momento, resolve devolvê-la ao seu povo, encontrando na situação uma oportunidade de reparação pelo mal cometido pelas forças imperiais. Para tanto, convoca alguns de seus poucos subordinados e parte em uma arriscada jornada em pleno inverno.

Depois de entregar a garota ao seu povo e retornar à cidade, o Magistrado é preso pelas forças do Império e passa a ser tratado como bárbaro. No fim do romance, o protagonista é submetido a tortura e humilhação, sendo completamente desumanizado pelo regime cujas leis ele mesmo representava.

Após essa breve introdução sobre o pensamento teórico de Fanon e as narrativas literárias de Coetzee, pretende-se, nas linhas a seguir, demonstrar como a violência colonial é representada nos romances. Para tanto, procura-se elencar as diferentes formas que a violência assume ao atingir os seres colonizados, sendo *física e psicológica, material e também cultural e simbólica*.

³ O governo do *apartheid* categorizou a população da África do Sul em quatro raças: Brancos, Indianos, *Coloured* (mestiços) e Africanos (negros). Era dever do Estado zelar apenas pelos interesses dos brancos.

Manifestações da violência colonial nos romances

No último capítulo de *Os Condenados da Terra*, Fanon descreve alguns dos casos que acompanhou como médico psiquiatra na Revolução Argelina, relatando as manifestações da *violência física e psicológica* causadas pelo colonialismo. Um dos casos é o de um agente da polícia europeia que, de tanto torturar o outro, se sente deprimido. Em um dos seus relatos como paciente, o policial conta:

Para todas as perguntas eles respondiam “não sei”. Até os nomes deles. Se a gente perguntava onde eles moravam, eles diziam “eu não sei”. Então, é claro... a gente mandava ver... Mas eles berravam demais. No começo, isso me fazia rir. Mas depois começou a me abalar. Hoje, só de ouvir alguém gritar, posso dizer como ele está, em que ponto está o interrogatório. O cara que recebeu dois socos e uma paulada atrás do ouvido tem um certo modo de falar, de gritar, de dizer que é inocente (FANON, 2005, p. 305).

O relato descrito pelo paciente é ilustrado de maneira ficcional em *Waiting for the Barbarians* por meio da figura do coronel Joll, militar responsável pela operação de fronteira e pela tortura de dezenas de homens, mulheres e crianças bárbaras. O Magistrado reflete sobre como funcionaria uma medida tão cruel contra pessoas que poderiam ser inocentes: “Imagine: estar preparado para ceder, ceder, não ter mais nada para ceder, estar quebrado, e ainda assim ser pressionado a ceder mais!” (COETZEE, 1999, p. 9, tradução nossa)⁴. Em determinado momento, o Magistrado pergunta a Joll como ele poderia ter certeza que alguém disse a verdade em um interrogatório; o militar responde: “Há um certo tom. Um certo tom surge na voz de um homem que está dizendo a verdade. Treino e experiência ensinam a reconhecer esse tom” (COETZEE, 1999, p. 9, tradução nossa)⁵.

Percebe-se no relato médico de Fanon e no relato ficcional de Coetzee que tanto o torturador da polícia quanto o coronel Joll têm a convicção de que dominam a mente dos torturados, exercendo sobre essas pessoas a força necessária para conseguirem seus objetivos, mesmo que isso signifique o sofrimento e a completa desumanização de suas vítimas.

Outro caso descrito por Fanon é o de uma jovem francesa que tem o pai, antigo torturador do regime colonial, morto em uma emboscada. De acordo com ela, seu pai torturava

⁴ No original: “Imagine: to be prepared to yield, to yield, to have nothing more to yield, to be broken, yet to be pressed to yield more!”

⁵ No original: “‘There is a certain tone’, Joll says. ‘A certain tone enters the voice of a man who is telling the truth. Training and experience teach us to recognize that tone...’”

os argelinos no porão da propriedade onde moravam, o que causava na garota uma aversão insuportável:

O sr. não pode imaginar como é horrível ouvir gritos assim a noite toda. Às vezes, pergunto-me como um ser humano pode suportar – não falo de torturar – mas simplesmente ouvir gritos de sofrimento. E aquilo durava. (...) No fundo de mim mesma, eu dava razão a esses argelinos (FANON, 2005, p. 318).

Os sentimentos da moça se assemelham aos do Magistrado, que não consegue ficar tranquilo enquanto escuta horrorizado os gritos de dor vindos das vítimas do coronel Joll. Outro ponto de conexão entre o relato de Fanon e a narrativa de Coetzee é que tanto o Magistrado quanto a moça francesa tentam se afastar das instituições perpetradoras às quais estão filiados. A jovem francesa, ao descobrir que o pai morreu, recusa a sua herança: “Propuseram-me uma pensão, mas eu recusei. Não quero saber desse dinheiro. É o preço do sangue derramado pelo meu pai. Não quero. Vou trabalhar” (FANON, 2005, p. 319). O Magistrado se comporta de maneira semelhante e, apesar de ser também um funcionário do Império, tenta se desvencilhar da figura dos torturadores:

Não há nada que me ligue a torturadores, pessoas que esperam sentadas como besouros em porões escuros. Como eu posso acreditar que uma cama seja algo mais do que uma cama, que o corpo de uma mulher seja outra coisa senão um lugar de alegria. Eu preciso afirmar minha distância do coronel Joll! Não vou sofrer pelos crimes dele! (COETZEE, 2006, p. 42, tradução nossa)⁶.

Fanon assinala que, além do sofrimento físico e psicológico, há também na pessoa torturada, principalmente naquela que não cometeu crime algum, um profundo processo de aniquilação do próprio ser: “Ser torturado por nada, durante dias e noites, parece ter destruído algo nesses homens” (FANON, 2005, p. 326). O autor conta que um argelino que nada tinha a ver com a guerra de libertação estava prestes a ser solto de seu cativeiro, quando um militar disse: “Não larguem ele ainda. Apertem mais um pouco. Assim, quando ele sair, ficará quieto” (FANON, 2005, p. 326). Nota-se que a crueldade investida pela força policial não tem somente a intenção de obter informações, mas também destituir o colonizado de qualquer humanidade, visando a neutralizá-lo quanto a qualquer reação que possa prejudicar o Estado.

⁶ No original: “There is nothing to link me with torturers, people who sit waiting like beetles in dark cellars. How can I believe that a bed is anything but a bed, a woman's body anything but a site of joy? I must assert my distance from Colonel Joll! I will not suffer for his crimes!”

Em *Life and Times of Michael K*, o protagonista também passa por um processo de despersonalização, não pela tortura, mas pela própria alienação de si, uma vez que a dureza de sua jornada o transforma em um outro tipo de ser humano:

Estou me tornando um tipo diferente de homem, pensou ele, se houver dois tipos de homem. Se eu fosse cortado, ele pensou, segurando os pulsos para fora, olhando para os pulsos, o sangue não jorraria mais de mim, mas gotejaria, e depois de vaziar um pouco, iria secar e sarar. Estou ficando menor, mais duro e mais seco a cada dia (COETZEE, 1984, p. 67, tradução nossa)⁷.

O processo de despersonalização de Michael pode ser entendido como uma alusão à violência promovida de maneira institucional pelo regime do *apartheid*. Na África do Sul, o Partido Nacional, por meio de uma série de leis oficiais, conseguiu estabelecer seu domínio pela força bruta. O conjunto de leis estabelecidas pelo governo concedia poderes à polícia e ao exército para agir como bem entendessem em relação às raças consideradas inferiores, como os mestiços e os negros africanos (THOMPSON, 2001, p. 199).

No romance, Michael é compelido pela força policial a trabalhar na ferrovia; depois, a se instalar em um campo de refugiados. Como aponta Rebello (2011), a vida de Michael é completamente descartável para o sistema, e a violência da qual é vítima tem a finalidade de transformá-lo em algo que não humano.

Os campos para onde ele é levado destinam-se não apenas a degradar os seres humanos, mas a transformá-los numa simples coisa. O sofrimento converte homens em animais que não se comunicam e não se queixam. Do ponto de vista da sociedade dominante, K é absolutamente supérfluo (REBELLO, 2011, p. 6).

É interessante ressaltar que a violência colonial também produz uma alienação corporal no sujeito colonizado. De acordo com Fanon (2005), a imposição de limites aprisiona o corpo do colonizado no espaço do colonizador. Uma maneira de o colonizado tentar escapar dessas amarras aconteceria de maneira onírica:

A primeira coisa que o indígena aprende é ficar no seu lugar, a não passar dos limites. É por isso que os sonhos do indígena são sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos. Sonho que estou saltando, nadando, correndo, escalando. Sonho que estou rindo, atravessando o rio com um passo, que sou perseguido por bandos de carros que nunca me alcançam. Durante a colonização, o colonizado não pára (sic) de libertar-se entre as nove horas da noite e as seis da manhã (FANON, 2005, p. 69).

⁷ No original: “I am becoming a different kind of man, he thought, if there are two kinds of man. If I were cut, he thought, holding his wrists out, looking at his wrists, the blood would no longer gush from me but seep, and after a little seeping dry and heal. I am becoming smaller and harder and drier every day”.

A força que comprime e estaciona o corpo do colonizado esvazia-se em sua mente. Em *Life and Times of Michael K*, Michael, devido ao reconhecimento de sua própria pequenez no mundo, sente-se leve e fluido, capaz de flutuar sobre as adversidades que aparecem ao longo de sua jornada: “Em seus gestos selvagens, nos grandes movimentos de moinho de vento em seus braços, percebeu que corria o risco de perder o equilíbrio e ser levado da borda da rocha em direção ao vasto espaço arejado entre o céu e a terra; mas ele não tinha medo, sabia que iria flutuar” (COETZEE, 1984, p. 69, tradução nossa)⁸. Podemos encontrar esse mesmo sentimento de Michael neste outro trecho: “Seu passo era tão leve que mal tocava a terra. Parecia possível voar; parecia possível ser corpo e espírito” (COETZEE, 1984, p. 101-102, tradução nossa)⁹. Percebe-se que Michael só consegue resistir ao aprisionamento de seu corpo por meio do lirismo de sua imaginação, assim como no caso do colonizado argelino descrito por Fanon.

Outra forma de manter o poder colonialista reside no exercício da *violência material*. Uma alusão a essa prática se manifesta em *Life and Times of Michael K*, quando Michael consegue finalmente chegar em Príncipe Albert. Depois de alguns dias sobrevivendo no local, um soldado desertor aparece na propriedade dizendo pertencer à antiga família para qual a mãe de Michael trabalhava. Uma vez que o soldado não sabe plantar, Michael começa a prover o sustento dos dois, irritando-se com a condição de servidão que lhe é imposta.

Nota-se que na relação entre Michael e o homem há uma espécie de herança cultural permeada pela servidão. As gerações anteriores de Michael, despossuídas de bens, serviam aos antepassados do soldado. Michael, portanto, como um escravo, uma propriedade, passa a ser, por consequência, a herança daquele homem branco. Esse fenômeno remete à violência material imposta pelo regime colonialista da África do Sul. Thompson (2001, p. 60) afirma que, mesmo depois da libertação dos escravos, o poder colonialista não estabeleceu condições para que os negros africanos escapassem da condição de servidão, pois a maioria das terras continuaram na posse dos brancos. Em 1913, algumas décadas antes da oficialização do *apartheid*, é instaurada a lei *The Natives Land Act* (Lei da Terra dos Nativos), proibindo os negros africanos de arrendarem, alugarem ou comprarem terras dos brancos, acentuando ainda mais a má distribuição de terras no país.

⁸ No original: “In his wild gesturings, in the great windmill sweeps of his arms, he realized he was in danger of losing his footing and being carried over the edge of the rock-face into the vast airiness of space between the heavens and the earth; but he had no fear, he knew he would float”.

⁹ No original: “His step was so light that he barely touched the earth. It seemed possible to fly; it seemed possible to be both body and spirit”.

Nota-se, portanto, que a questão da apropriação da terra é de muita importância quando nos referimos à violência material exercida pelo colonizador. Como apontado por Fanon: “Para o povo colonizado, o valor mais essencial, porque mais concreto, é primeiro a terra: a terra que deve garantir o pão e, é claro, a dignidade” (FANON, 2005, p. 61). Em *Life and Times of Michael K*, a terra que o suposto herdeiro se proclama dono não foi vendida ou cedida pelos ancestrais negros de Michael e sim usurpada pelo colonizador branco. Fanon assinala que a opulência europeia “é literalmente escandalosa, pois foi construída sobre as costas dos escravos, alimentou-se do sangue dos escravos, vem em linha direta do solo e do subsolo desse mundo subdesenvolvido” (FANON, 2005, p. 116).

A questão da terra também é presente em *Waiting for the Barbarians*. O Magistrado, em conversa com os militares, tenta mostrar que os bárbaros não são pessoas ruins e que, na verdade, se em algum momento pensam em invadir a cidade, é porque foi o Império que impôs essa condição: “Eles querem o fim da expansão de assentamentos em suas terras. Eles querem suas terras de volta, no fim das contas. Eles querem ser livres para andarem livremente com seus rebanhos de pasto em pasto como costumavam fazer” (COETZEE, 1999, p. 69, tradução nossa)¹⁰.

Pela fala do Magistrado, percebe-se que a terra onde a população da cidade reside já foi posse dos bárbaros. Em determinado trecho da narrativa, um soldado parece reconhecer que a guerra é fundamental para obrigar os bárbaros a viverem onde o Império desejar: “(...) é isso que é a guerra: obrigar a alguém a uma escolha que não seria feita de outra maneira” (COETZEE, 1999, p. 68, tradução nossa)¹¹. Nota-se que, além da violência material, representada pelo roubo da terra por parte do Império, é necessário o uso de ainda mais violência para manter os bárbaros fora da sua própria terra e submetidos à margem.

Finalmente, também presenciamos no processo colonial o exercício da *violência cultural e simbólica*. Em *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), Fanon afirma que, devido à violência imposta pelo colonizador, o negro é acometido por uma neurose e um complexo de inferioridade. O negro, desprovido de resistência ontológica no mundo colonizado, apenas consegue ver saída para sua própria existência quando adentra o mundo branco. Há primeiro uma destruição econômica, material e simbólica do ser negro e colonizado para, posteriormente, haver uma completa destruição de sua identidade, relegando-o à zona do não-ser. Daí Fanon

¹⁰ No original: “They want an end to the spread of settlements across their land. They want their land back, finally. They want to be free to move about with their flocks from pasture to pasture as they used to”.

¹¹ No original: “(...) that is what war is about: compelling a choice on someone who would not otherwise make it”.

apontar que há no negro antilhano um processo de epidermização, em que vestir a máscara branca seria a única forma de existir possível (FANON, 2008, p. 34)¹². É importante ressaltar que esse complexo de inferioridade não é de maneira alguma essencial no negro e sim fruto da violência assujeitadora do branco colonizador: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização européia (sic). Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*” (FANON, 2008, p. 90, grifo do autor).

Nota-se, portanto, que o negro depende da visão do branco para manifestar sua identidade. É a capacidade de decisão do branco que vai definir quem pode ser considerado sujeito no regime colonial. Streva (2015), ao referenciar o trabalho de Diana Fuss, afirma: “o colonialismo funciona em parte como o policiamento das fronteiras da inteligibilidade cultural, legislando e regulando quais identidades alcançam a completa significação cultural e quais não” (STREVA, 2015, p. 15).

A invisibilidade cultural do negro é representada em *Life and Times of Michael K* por meio de seu protagonista que, enclausurado em seu próprio silêncio, não parece reconhecer a própria história como um acontecimento válido no mundo:

Sempre quando ele tentava se explicar para si mesmo, permanecia uma lacuna, um buraco, uma escuridão diante da qual seu entendimento se embaçava, na qual era inútil derramar palavras. As palavras foram comidas, o vazio permaneceu. A história dele sempre teve um buraco: uma história errada, sempre errada (COETZEE, 1984, p. 110, tradução nossa)¹³.

De acordo com Fioruci (2014, p. 99), Michael é apresentado no romance como um ser desprovido de qualquer condição humana: em relação à biologia, a fissura do paladar lhe impede a comunicação; quanto à filiação, é órfão de pai; quanto ao aspecto social e econômico, nasceu pobre e negro em pleno regime do *apartheid*. Michael, portanto, não é considerado como sujeito, sendo desumanizado e invisibilizado ainda mais ao longo da narrativa.

Quase no fim do romance, temos uma mudança brusca na maneira como a história é contada. O narrador onisciente, presente na mente do protagonista, dá lugar à narração em primeira pessoa, representada pela fala do médico responsável por cuidar de Michael no

¹² Para ilustrar esse processo, Fanon cita o fato de um amigo francês elogiá-lo com frequência, dizendo que ele se parece com um homem branco (FANON, 2008, p. 50). Para Bernardino-Costa (2016): “Este relato evidencia que os negros não podem participar do mundo ordinário dos brancos. Quando coisas ordinárias são feitas por negros, elas parecem extraordinárias para estes não-seres” (BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 510).

¹³ No original: “Always, when he tried to explain himself to himself, there remained a gap, a darkness before which his understanding balked, into which it was useless to pour words. The words were eaten up, the gap remained. His was always a story with a hole in it: a wrong story, always wrong”.

hospital do exército. O médico se surpreende pelo fato de Michael conseguir chegar até aquele ponto da jornada. Na visão dele, Michael é um erro, um acontecimento que nunca poderia ter dado certo no mundo cruel em que vivem: “É uma coisa cruel de se dizer, mas direi: ele é alguém que nunca deveria ter nascido em um mundo como este. Teria sido melhor se sua mãe o tivesse sufocado silenciosamente ao ver o que ele era e o colocado na lata de lixo” (COETZEE, 1984, p. 155, tradução nossa)¹⁴.

O processo de não significação e invisibilidade pelo qual passa o negro no regime colonial opera de formas diversificadas e complexas. O negro, mesmo quando reconhecido pela sociedade, é visto apenas pela sua exterioridade, como bem aponta Bernardino-Costa:

O paradoxo da invisibilidade do negro está no fato de ele ser visto. Todavia, ele é visto somente na sua exterioridade a partir de uma sobredeterminação exterior, que o fixou no passado e no atraso. Neste caso, mesmo quando presente o negro está ausente. Não possui individualidade e nem interioridade. Todos os negros são iguais! A pessoa não é vista porque os outros já a conhecem em virtude de concepções pré-formadas em relação ao seu grupo. O diferente é reduzido ao mesmo. Basta conhecer um negro para conhecer todos os demais. Daí a generalização: todos são uma ameaça em potencial (BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 512).

Desse modo, o negro sempre é visto como o inimigo a combater, encarnando todo o mal. De acordo com Fanon, essa concepção coloca o negro/colonizado como potencial bandido. Para ilustrar a situação, o autor descreve o exemplo de uma criança que, devido ao racismo estrutural, sente medo do negro:

Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (FANON, 2008, p. 107).

Encontramos a presença da fobia quanto aos negros/colonizados nos dois romances de Coetzee abordados neste artigo. Michael K tem de estar sempre em vigília contra o olhar de medo e preconceito do branco “(...) ele pensou, não sou um ladrão. Mesmo assim, ele imaginou um tiro disparando da janela traseira da casa da fazenda, imaginou um enorme alsaciano saindo para atacá-lo” (COETZEE, 1984, p. 39, tradução nossa)¹⁵. Em outro momento, vemos o quanto

¹⁴ No original: “It’s a cruel thing to say, but I will say it: he is someone who should never have been born into a world like this. It would have been better if his mother had quietly suffocated him when she saw what he was, and put him in the trash can”.

¹⁵ No original: “(...) he thought, I am not a thief. Nevertheless, he imagined a shot cracking out from the back window of the farmhouse, he imagined a huge Alsatian streaking out to attack him”.

a população branca sente repulsa pelos refugiados; Robert, um membro do acampamento, diz o que acontece quando as pessoas dali vão à cidade fazer compras com o pouco dinheiro que recebem das autoridades: “Nós criamos doenças, eles disseram. Sem higiene, sem moral. Um ninho de vícios, homens e mulheres todos juntos. Do jeito que falavam, deveria haver uma cerca no meio do acampamento, homens de um lado, mulheres do outro, cães para patrulhar à noite” (COETZEE, 1984, p. 81-82, tradução nossa)¹⁶.

A alienação do negro na sociedade sul-africana se manifesta desde a época colonial, quando os africânderes, descendentes dos colonos holandeses, posicionaram-se contra os ingleses na libertação dos escravos negros. Para Pinto (2007, p. 395), os africânderes se consideravam “uma nação única, falante de uma língua dada por Deus e perseguida por um inimigo pérfido” (PINTO, 2007, p. 395). Uma vez que se inicia o *apartheid*, o governo, procurando evitar a miscigenação racial, trata de promover a separação entre raças pela força estatal, instaurando as chamadas *homelands*, cidades-estados governadas pelos negros africanos.

As condições de vida nesses lugares eram precárias, colocando o negro em extremo estado de miséria e violência. Nesse sentido, a própria violência do branco, que expelia o negro da vida social, era responsável por criar uma estrutura de preconceito. Como assinalado por Fanon: “A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa” (FANON, 2005, p. 55, grifo do autor).

Em *Waiting for the Barbarians*, também temos a representação dos bárbaros como um mal absoluto. Durante todo o romance, nota-se o medo que a população sente em relação aos bárbaros. O Magistrado fala dessa atmosfera de terror que permeia a cidade:

Não existe mulher que viva perto da fronteira que não tenha sonhado com uma mão bárbara escura saindo de debaixo da cama para agarrar seu tornozelo, não existe homem que não tenha se apavorado com visões de bárbaros farreando em sua casa, quebrando os pratos, colocando fogo nas cortinas, estuprando suas filhas (COETZEE, 1999, p. 14, tradução nossa).¹⁷

¹⁶ No original: “We breed disease, they said. No hygiene, no morals. A nest of vice, men and women all together. The way they talked, there should be a fence down the middle of the camp, men on one side, women on the other, dogs to patrol it at night”.

¹⁷ No original: “There is no woman living along the frontier who has not dreamed of a dark barbarian hand coming from under the bed to grip her ankle, no man who has not frightened himself with visions of the barbarians carousing in his home, breaking the plates, setting fire to the curtains, raping his daughters”.

Para Miguel Reale Júnior (2011), existe na narrativa uma estrutura social em que o colonialismo depende da figura do inimigo bárbaro para justificar sua própria existência. O autor afirma que “o inimigo é a condição necessária da perpetuação do Império. E o Império para se perpetuar precisa degradar e humilhar os homens, os pretensos inimigos, escrevendo desta maneira a história, fazendo surgir a flor negra da civilização” (REALE JÚNIOR, 2011, p. 91). Desse modo, a população deve permanecer sempre à espera de um ataque bárbaro para que o Império justifique sua presença e ofereça sua proteção à população.

Fanon afirma que o fato de o colonizador considerar o colonizado como um inimigo também se justifica, no caso argelino, por um suposto viés científico. De acordo com o autor (2005), existiu uma teoria que permaneceu por mais de vinte anos nas universidades e que postulou que os argelinos eram preguiçosos, ladrões e assassinos, porque tinham a estrutura do cérebro comprometida (FANON, 2005, p. 342-343). O doutor Porot, nome citado por Fanon, afirma que o argelino apresenta uma debilidade mental e emocional por ser desprovido de córtex cerebral, não se assimilando a outros vertebrados humanos. Outro cientista, o doutor Carothers, afirma que o argelino não utiliza o lóbulo frontal, tendo suas capacidades cognitivas semelhantes às de um “europeu lobotomizado (sic.)” (FANON, 2005, p. 348-349). Fanon afirma que, de acordo com o pensamento desses cientistas, os árabes seriam biologicamente inferiores; assim, manifestariam uma conseqüente agressividade, matando por motivos fúteis e de maneira violenta.

Todos estes fatores pseudocientíficos estipulam que o motivo da violência dos colonizados reside na sua estrutura cognitiva e não na própria violência que parte primeiramente do colonizador. Fanon indica que a violência que assola o povo argelino é culpa da miséria em que vivem: “Sim, no período colonial na Argélia e em outras regiões, pode-se fazer muita coisa por um quilo de farinha. (...) Toda a colônia tende a tornar-se um imenso galinheiro, um imenso campo de concentração, onde a única lei é a do punhal” (FANON, 2005, p. 354). De acordo com Fanon, em uma terra em que se luta a cada dia para se alimentar, o roubo seria equivalente a um assassinato. Não cabe ao povo argelino um exercício de subjetividade perante o mundo, mas somente sobreviver: “Para um colonizado, num contexto de opressão como o da Argélia, viver não é encarnar valores, inserir-se no desenvolvimento coerente e fecundo de um mundo. Viver é não morrer. Existir é manter a vida” (FANON, 2005, p. 355).

Uma vez descritas as formas de violência que acontecem nos romances, uma questão interessante vem à tona: se a violência maior sempre se manifesta por parte do colonizador, o que seria então a civilização e o que seria a barbárie? Em *Waiting for the Barbarians*, o

Magistrado, ao presenciar as crueldades cometidas pelo coronel Joll, questiona a ideia de civilização proposta pelo Império e que ele mesmo ajudou a construir. Para o Magistrado, se o conceito de civilização é aquele que o Império defende, prefere estar ao lado dos bárbaros:

Onde a civilização acarretasse a corrupção de virtudes bárbaras e a criação de um povo dependente, eu decidi, seria contra à civilização; e nesta resolução baseei a conduta de minha administração. (Quem diz isso é alguém que tem uma garota bárbara na cama!) (COETZEE, 2006, p. 53, tradução nossa)¹⁸.

A presença da moça bárbara desperta no Magistrado a ideia de que a suposta civilização edificada pelo Império nada mais é do que uma justificativa para o exercício de inúmeras violências contra os bárbaros. O Magistrado, em um processo de alteridade, começa a reconhecer a irracionalidade que emana do preconceito imperial: “Como você erradica o desprezo, especialmente quando esse conceito se baseia em nada mais substancial do que diferenças nos modos à mesa, em variações na estrutura das pálpebras?” (COETZEE, 1999, p. 70, tradução nossa)¹⁹. Nota-se que o “bárbaro” é na verdade o colonizador, despido de humanidade quando manifesta a vil capacidade de infringir a tortura em outro ser humano.

Em *Life and Times of Michael K*, encontramos um importante trecho no qual a digressão do narrador também aponta a inversão de valores entre o colonizador branco “civilizado” e o colonizado oprimido:

E se houvesse milhões, mais milhões do que qualquer um saiba, vivendo em acampamentos, vivendo de esmolas, vivendo da terra, vivendo na malícia, se rastejando nos cantos para escapar do tempo, muito astutos para colocarem bandeiras e atraírem atenção para si mesmos e serem contados? E se os hospedeiros estiverem em número muito menor do que os parasitas, os parasitas da ociosidade e os outros parasitas secretos do exército, da polícia, das escolas, das fábricas e dos escritórios, os parasitas do coração? Os parasitas ainda poderiam ser chamados de parasitas? Os parasitas também têm carne e substância; parasitas também podem ser predados. Talvez, na verdade, o acampamento se declarar como um parasita da cidade ou a cidade como um parasita do acampamento dependa apenas de quem faz a sua voz ser ouvida mais alto (COETZEE, 1984, p. 116, tradução nossa)²⁰.

¹⁸ No original: “Where civilization entailed the corruption of barbarian virtues and the creation of a dependent people, I decided, I was opposed to civilization; and upon this resolution I based the conduct of my administration. (I say this who now keep a barbarian girl for my bed!)”.

¹⁹ No original: “How do you eradicate contempt, especially when that contempt is founded on nothing more substantial than differences in table manners, variations in the structure of the eyelid?”

²⁰ No original: “What if there were millions, more millions than anyone knew, living in camps, living on alms, living off the land, living by guile, creeping away in corners to escape the times, too canny to put out flags and draw attention to themselves and be counted? What if the hosts were far outnumbered by the parasites, the parasites of idleness and the other secret parasites in the army and the police force and the schools and factories and offices, the parasites of the heart? Could the parasites then still be called parasites? Parasites too had flesh and substance; parasites too could be preyed upon. Perhaps in truth whether the camp was declared a parasite on the town or the town a parasite on the camp depended on no more than on who made his voice heard loudest”.

Afinal quem é o parasita? Quem é o verdadeiro bárbaro violento, aquele de quem deveria se ter medo? O homem branco pilha tudo dos colonizados, destrói sua integridade física e psicológica. Como visto no trecho do romance, o colonizador somente consegue se manifestar como hospedeiro e colocar o colonizado como parasita, porque “grita mais alto”, pois dispõe de fuzis e canhões.

Formas de resistência nos romances

Em *Os Condenados da Terra*, Fanon afirma que o colonialismo se apresenta como uma estrutura maniqueísta, sendo inevitável o confronto entre as forças antagônicas inseridas neste sistema. Uma vez que o colonialismo se mantém funcionando pela violência, para Fanon, caberia ao colonizado uma violência ainda maior para que consiga a libertação: “Se os últimos devem ser os primeiros, só pode ser em consequência de um enfrentamento decisivo e mortífero dos dois protagonistas” (FANON, 2005, p. 53). Para o autor, há no colonizado uma violência irreprimível que deve ser direcionada ao colonizador, pois a violência também desintoxica: “No nível dos indivíduos, a violência desintoxica. Ela livra o colonizado do seu complexo de inferioridade, das suas atitudes contemplativas ou desesperadas” (FANON, 2005, p. 112).

A defesa de Fanon ao uso da violência colocou o autor em uma posição controversa, como afirma Gordon (2008) no prefácio de *Pele Negra Máscaras Brancas*: “Houve uma época em que um professor universitário norte-americano que tentasse abordar a obra de Frantz Fanon em um ambiente acadêmico estaria sujeito a perder o emprego” (GORDON, 2008, p. 11). O autor afirma que, com a consolidação dos estudos coloniais na década de 1980, começam a aparecer leituras de Fanon dispostas a uma melhor compreensão sobre a questão da violência no seu pensamento.

Temos de nos lembrar que Fanon lutou na Independência da Argélia; assim, em *Os Condenados da Terra*, além de descrever a situação colonial, o autor também vai prescrever a violência como ação política. A violência em Fanon não é de maneira alguma gratuita, mas sim uma estratégia política para a libertação dos oprimidos colonizados. Como afirma Chaves e Cabaço (2004): “Não se trata, portanto, de teorizar a violência gratuita, mas simplesmente, de constatar que a intensidade com que se manifesta é proporcional à causa que a gera porque se destina a destruí-la para permitir a libertação do oprimido” (CHAVES; CABAÇO, 2004, p. 83).

Como os romances referidos no artigo não exaltam grandes feitos heroicos, a resistência por parte dos oprimidos em *Life and Times of Michael K* e *Waiting for the Barbarians* não se dá pelo conflito armado contra as forças colonialistas. Em um primeiro momento, podemos pensar que os romances de Coetzee não apresentam resolução alguma, uma vez que seus protagonistas não se libertam: o Magistrado, ao se igualar ao bárbaro, tem seu ser aniquilado. Michael K retorna ao mesmo lugar onde começara sua jornada. No entanto, em uma leitura mais cuidadosa, percebemos que as formas de resistência nos dois romances se apresentam de maneiras mais sutis.

Michael K, que inicialmente tem por objetivo levar a sua mãe a Príncipe Albert, segue o resto da narrativa tentando fugir dos inúmeros aprisionamentos que tentam lhe impor. Durante todo o romance, Michael tem uma imensa dificuldade para se alimentar em todos os lugares onde passa, mesmo quando há abundância de comida, pois passa mal do estômago. O único lugar onde ele consegue comer direito é na propriedade em Príncipe Albert, quando está sozinho, no curto período em que passa a viver do que planta. Para Inocência (2021), o cultivo do solo se manifesta no romance “enquanto alegoria de um estado de coisas do qual sempre pode brotar algo novo” (INOCENCIA, 2021, p. 90). No entanto, a autora complementa, assinalando que na obra não há “idealizações românticas ou árcades a respeito de uma fictícia vida pastoril, ou do modo rousseanamente selvagem. O campo aqui pode ser encarado como uma alegoria, como uma condição simbólica de existência na qual a violência e o arbítrio não sejam as normas” (INOCENCIA, 2021, p. 90).

Nota-se que o fato de Michael conseguir se alimentar apenas do que é capaz de plantar pode ser entendido, também, como uma metáfora para sua aversão a qualquer tipo de servidão. No fim do romance, quando internado em um hospital, recusa-se a comer mais uma vez, ficando cada vez mais debilitado. O médico entende que Michael não pediu e nem quer cuidados; deseja apenas uma coisa, a liberdade: “Não é uma questão de morrer (...) Não é que ele queira morrer. Ele simplesmente não gosta da comida daqui. Não gosta profundamente. Ele nem aceita papinha de bebê. Talvez ele só coma o pão da liberdade” (COETZEE, 1984, p. 146, tradução nossa)²¹.

Michael, apesar de sofrer um gradativo processo de despersonalização no romance, mantém o gosto pela liberdade, recusando-se, inclusive, a permanecer nos lugares em que é bem acolhido. Michael não aceita servir nem ficar imóvel, investindo numa busca constante por

²¹ No original: “It's not a question of dying,' I said. 'It's not that he wants to die. He just doesn't like the food here. Profoundly does not like it. He won't even take babyfood. Maybe he only eats the bread of freedom.”

algo que ele mesmo parece não entender. Ele começa sua jornada sem a permissão do exército, fugindo do apartamento onde, apesar do conflito nas ruas, teria água e comida. Ao perceber que será um servo na propriedade em Príncipe Albert, prefere abandonar o lugar. Quando é alocado em um acampamento de refugiados, também opta por seguir a sorte na estrada. No fim do romance, depois de fugir do hospital, Michael se manifesta contra qualquer tipo de aprisionamento ou paternalismo:

Eu era mudo e estúpido no começo; serei mudo e estúpido no fim. Não há nada para se envergonhar em ser simples. Eles estavam prendendo pessoas simplórias antes de prenderem qualquer outro. Agora eles têm acampamentos para crianças cujos pais fogem, acampamentos para pessoas que chutam e espumam pela boca, acampamentos para pessoas com cabeças grandes e pessoas com cabeças pequenas, acampamentos para pessoas sem nenhum tipo de apoio, acampamentos para pessoas expulsas de sua terra, acampamentos para pessoas que se encontram vivendo em ralos de águas pluviais, acampamentos para garotas de rua, acampamentos para pessoas que não podem somar dois mais dois, acampamentos para pessoas que esquecem seus documentos em casa, acampamentos para pessoas que vivem nas montanhas e explodem pontes à noite. Talvez a verdade é que basta estar fora dos acampamentos, fora de todos os acampamentos ao mesmo tempo. Talvez isso seja uma conquista suficiente, por enquanto. Quantas pessoas sobraram que não estão trancadas nem montando guarda no portão? Eu escapei dos acampamentos; talvez, se ficar quieto, também escape da caridade (COETZEE, 1984, p. 182, tradução nossa)²².

Michael sabe que no espaço colonial maniqueísta, ou se está “trancado”, ou se está “montando guarda”, por isso tenta fugir de todas as formas de aprisionamento. Nota-se, assim, que Coetzee cria um personagem fascinante: Michael, apesar de reconhecer sua insignificância no contexto violento do *apartheid*, tem encarnado em seu espírito o anseio por liberdade.

Vejamos agora como se resolve a narrativa em *Waiting for the Barbarians*. Em determinado momento do romance, o Magistrado consegue escapar de sua cela e, perambulando pela cidade, observa que os militares estão agredindo com um martelo um grupo de bárbaros; assim, tenta intervir, dizendo que nem mesmo animais mereceriam ser torturados daquela maneira. O Magistrado é espancado pelos soldados, mas levanta-se outra vez: “Passa a ser

²² No original: “I was mute and stupid in the beginning; I will be mute and stupid at the end. There is nothing to be ashamed of in being simple. They were locking up simpletons before they locked up anyone else. Now they have camps for children whose parents run away, camps for people who kick and foam at the mouth, camps for people with big heads and people with little heads, camps for people with no visible means of support, camps for people chased off the land, camps for people they find living in storm-water drains, camps for street girls, camps for people who can't add two and two, camps for people who forget their papers at home, camps for people who live in the mountains and blow up bridges in the night. Perhaps the truth is that it is enough to be out of the camps, out of all the camps at the same time. Perhaps that is enough of an achievement, for the time being. How many people are there left who are neither locked up nor standing guard at the gate? I have escaped the camps; perhaps, if I lie low, I will escape the charity too”.

importante se levantar, por mais que a dor dificulte” (COETZEE, 1999, p. 143, tradução nossa)²³.

Percebe-se que há no Magistrado um desejo de reparação pelas crueldades cometidas pelo Império, uma vez que reconhece que os bárbaros também são seres humanos. Mesmo que não consiga impedir a tortura pela qual passam os bárbaros naquele momento e por mais que sintam a violência também em seu corpo, é importante que ele permaneça de pé, lutando por um ideal. No entanto, após o ímpeto revolucionário, ele é castigado severamente. Os militares o vestem com roupas de mulher e o amarram pelo pescoço em praça pública, forçando-o a suplicar por sua vida. Quando volta à cela, o Magistrado percebe que sua empresa não valeu de nada:

Eles estavam interessados apenas em me demonstrar o que significava viver em um corpo, como um corpo, um corpo que pode considerar noções de justiça na medida em que estiver inteiro e bem, que logo as esquece quando sua cabeça é agarrada e um cano é empurrado garganta abaixo e litros de água salgada são despejados nele até tossir, vomitar, se debater e se esvaziar (COETZEE, 1999, p. 154, tradução nossa)²⁴.

A tentativa do Magistrado de combater a injustiça não vale nada a partir do momento em que seu ser foi completamente aniquilado. Ao assumir a posição do colonizado, o Magistrado sofre as mesmas violências antes direcionadas ao povo bárbaro; de nada adianta seu ímpeto de justiça, não há como escapar da maniqueísta história colonial e de suas consequências.

No entanto, devemos apontar que há um segundo processo de transformação pelo qual passa o Magistrado, já no fim do romance. Depois das sessões de tortura, o protagonista confessa aos militares que viajou apenas para deixar a garota bárbara com seu povo e que não tramava nenhuma insurreição contra o Império; assim, é deixado livre pela cidade, sem roupas, propriedades ou função no regime.

Nesse sentido, Coetzee constrói um final que, em certa medida, não reflete o maniqueísmo colonial descrito por Fanon, sistema que compreende duas identidades antagônicas: colonizador e colonizado. O Magistrado, que teria passado da condição de funcionário imperial para a de bárbaro, no fim do romance, não é nenhum nem outro,

²³ No original: “It becomes important to stand up, however difficult the pain makes it”.

²⁴ No original: “They were interested only in demonstrating to me what it meant to live in a body, as a body, a body which can entertain notions of justice only as long as it is whole and well, which very soon forgets them when its head is gripped and a pipe is pushed down its gullet and pints of salt water are poured into it till it coughs and retches and flails and voids itself”.

alcançando uma zona de indiscernibilidade. Despido de identidade, vagueia pelas ruas da cidade em busca de comida, esperando o seu fim.

Fanon defendia uma reestruturação social em que o sistema colonial seria derrubado, formando-se assim uma nova sociedade: “a descolonização é, simplesmente, a substituição de uma ‘espécie’ de homens por uma outra ‘espécie’ de homens” (FANON, 2005, p. 51, grifo do autor). Ficcionalmente, em uma visão pessimista de Coetzee, a ordem é mantida: a única espécie de homem inaugurada é a figura torturada e ambígua que se torna o Magistrado.

Considerações Finais

Partindo dos conceitos trabalhados por Fanon em suas principais obras, foi possível demonstrar como a violência colonial se manifesta nos romances de Coetzee, os quais ilustram o contexto de opressão vivido pelo povo da África do Sul em pleno *apartheid*.

Em *Waiting for the Barbarians*, a *violência física e psicológica* praticada pelo colonizador é representada por meio da tortura sofrida pelo Magistrado e pelos bárbaros, que têm suas vidas completamente desumanizadas pelo regime imperial. Em *Life and Times of Michael K*, o protagonista também é subjugado pelas autoridades, sendo perseguido e obrigado a trabalhar em obras do Estado.

Em ambos os romances também encontramos manifestações da *violência material* exercida pelo colonizador, uma vez que os oprimidos pelo Estado não podem ocupar o seu próprio território, sendo submetidos à margem. Por meio da guerra, os bárbaros são obrigados a permanecer longe dos domínios da cidade. Michael, para escapar da realidade opressora, perambula por propriedades rurais, áreas urbanas, hospitais e campos de refugiados, numa falha tentativa de encontrar algum lugar onde possa apenas ficar sozinho.

Há também a presença da *violência cultural e simbólica* nas obras de Coetzee. Michael é completamente invisibilizado no contexto da guerra civil e mal se vê como um ser humano dotado de subjetividade, vagando em um mundo onde apenas lhe resta a capacidade de sobreviver. Já em *Waiting for Barbarians*, os bárbaros são considerados inimigos cruéis pelo exército e também pela população da cidade, o que justifica a intervenção violenta por parte do Império a fim de manter seu poder na fronteira.

Nota-se que a violência – considerada por Fanon como ação fundamental para a manutenção do sistema colonial – é praticada pelo colonizador em suas mais variadas formas. Este exercício constante e abrangente da violência gera um processo de despersonalização nos

personagens das narrativas de Coetzee, que relegados ao não-ser, buscam apenas sobreviver e resistir ao sofrimento que lhes é imposto.

Referências

BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, jul-set, p. 504-521, 2016.

CHAVES, Rita. CABAÇO, José Luis. Frantz Fanon: colonialismo, violência e identidade cultural. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da Cultura, Mestiçagens, Híbridos & Outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

COETZEE, J. M. **Waiting for the Barbarians**. London: Penguin Books, 1999.

COETZEE, J.M. **Life and Times of Michael K**. New York: The Viking Press, 1984.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIORUCI, Wellington Ricardo. O exilado na própria terra: o K de Coetzee. **Revista Trama**, v. 10, n. 19, p. 97-110, 2014.

GORDON Lewis R. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

INOCENCIO, Monique Lopes. A vida em época de barbárie - um anti-herói de Coetzee no vértice do conflito. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 37, p. 81-94, 2021.

PINTO, Simone Martins Rodrigues. Justiça Transicional na África do Sul: Restaurando o Passado, Construindo o Futuro. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 393-421, 2007.

REALE JÚNIOR, Miguel. Considerações Sobre À Espera Dos Bárbaros, de J. M. Coetzee. **Philia&Filia**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 87-94, 2011.

REBELLO, Ilma Silva. Michael K e o abismo intransponível entre o eu e o mundo. **Cadernos do CNLF**, v. 15, n. 5, p. 700-711, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/60.pdf. Acesso em 05/10/2021.

SANCHES, Manuela Ribeiro. Frantz Fanon. A violência do mundo. A violência da palavra. **CEHUM** - Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, p. 1-10, 2015. Disponível em: <http://cehum.ilch.uminho.pt/myriades/static/volumes/1-10.pdf>. Acesso em 20/01/2021.

STREVA, Juliana Moreira. Teoria descolonial de Frantz Fanon: anti racismo, novo humanismo e luta. **Conversações: Política, Teoria e Direito** - Revista Discente da Pós Graduação - PUC Rio, Cadernos do Seminário da Pós 2015. ISSN 21769826 p. 120-150, 2015.

THOMPSON, L. **A History of South Africa**. New Haven: Yale University Press, 2001.

Recebido em: 18/06/2021

Aceito para publicação em: 10/10/2021